

EDITORIAL	pág. 3
CONSTITUIÇÃO EM DEBATE	7
FACAR CONTRA «CARVALHOS»	8
SERVIÇO CÍVICO	24

o diário

Director: Miguel Urbano Rodrigues • Ano 1 • n.º 78 • Preço 4\$00 • 10-4-76 • Propriedade de Editorial Caminho

NO LICEU PASSOS MANUEL

ESTUDANTES REPELEM CDS

Nem mesmo intimidando os estudantes do Liceu Passos Manuel, em Lisboa, com duas pistolas, um grupo de 40 pessoas estranhas ao liceu conseguiu os seus intentos, ou seja, fazer com que, pela força, o CDS se conseguisse introduzir naquele estabelecimento de ensino.

Na origem dos incidentes ocorridos ontem no Passos Manuel esteve a distribuição de um comunicado, feita pelos tais 40 indivíduos afectos à Juventude Centrasta (CDS), facto que contrariava frontalmente uma disposição aprovada em Reunião Geral de Alunos (R.G.A.), em Novembro de 74, e confirmada em posteriores RGAs, segundo a qual está proibida toda e qualquer propaganda daquele partido no liceu.

Estudantes progressistas do Passos Manuel expulsaram, indignados, os intrusos que se haviam introduzido no liceu, não só por serem intrusos mas ainda por andarem a distribuir propaganda

CDS. Seguiram-se cenas de violência. Foi então que, no grupo dos JCs, apareceram duas pistolas apontadas aos estudantes progressistas. Nem assim, porém, o CDS conseguiu "entrar" no Passos Manuel. A violência não venceu a decisão tomada pelos estudantes em Assembleia Geral.

A POSIÇÃO DA AE

Passando a "barreira" CDS, o repórter de "o diário" conseguiu introduzir-se no passos Manuel e entrar em contacto com a direcção da Associação de Estudantes daquele liceu. Elementos afectos a essa direcção lembraram, então a disposição dos alunos de não permitirem "que fascistas tenham aqui actividade" e afirmaram que a Juventude Centrasta, "não conseguindo impôr-se democraticamente, tentou a violência, servindo-se de pessoas que não têm nada a ver com o liceu".

Referiram, ainda, que "acontecimentos recentes, deram mais coragem aos jovens do CDS que passaram a tentar introduzir propaganda no liceu, no que sempre foram contrariados pela maioria dos alunos, que são progressistas".

um outro factor que terá contribuído para que os moços "centristas" tenham ganho ânimo, na opinião da direcção da Associação de Estudantes (AE) do Liceu Passos Manuel, foi "o que aconteceu nas últimas eleições, nas quais, depois de várias peripécias, se defrontaram duas listas, sendo uma unitária de esquerda e outra

apoiada pelos organismos estudantis do PPD, MRPP e PS, vencendo a primeira. Todos os elementos do CDS votaram nesta última. Sentindo um certo apoio, a direita reaccionária passou ao ataque. Mas, agora, depois do que se passou aqui hoje, já só dos pepedês os apoiam. Sairam, até, do liceu para engrossar o cordão reaccionário lá fora".

DOIS COMUNICADOS

O comunicado do CDS que esteve na origem dos acontecimentos de ontem no Passos Manuel refere aquilo a que chama a "esperança da democracia" e alude a "grupos minoritários" que "tentam desesperadamente manter um clima de terror".

Por seu turno, a direcção da Associação de Estudantes do liceu difundiu um "comunicado à população" no qual afirma que "um grupo de fascistas da Juventude Centrasta (CDS) estranhos ao liceu tentaram distribuir comunicados desta organização fascista, em que se falava sobre a situação do nosso liceu em termos bastante provocatórios".

E, mais adiante: "Os fascistas, defrontando-se com uma forte oposição dos estudantes, puxaram de pistolas, intimidaram os estudantes dizendo que iam disparar. Perante isto, nós dizemos: Fora com o partido fascista CDS onde quer que ele se encontre, pois o povo português já está farto de ser oprimido e explorado durante 48 anos".



SPÍNOLA DEVOLVIDO AO BRASIL

À hora a que esta edição de "o diário" chega às mãos dos nossos leitores, António de Spínola, ex-general do Exército Português, já deve estar no Rio de Janeiro, para onde foi devolvido pelo governo suíço. Este episódio conclui, para já, uma das mais rocambolescas histórias da política dos últimos anos, em que Spínola, "presidente" do MDLP, organização da extrema-direita que actua clandestinamente em Portugal e tem ramificações no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, se viu envolvido de maneira incrível. Homem politicamente "acabado", tem mantido, contudo, uma inequívoca actividade conspirativa. O seu desejo de vingança, o seu pendor ditatorial, o seu ódio à liberdade e à democracia resultam claros das graves revelações e intrigas que facultou, de mão beijada, ao indiscreto minigravador de Gunther Wallraff, num restaurante de luxo nas margens do Reno. Hoje concluímos a narrativa da revista "Stern", por amabilidade do semanário "O Jornal". Mas não concluiremos aqui a nossa abordagem deste caso escandaloso. (Págs. 4/5)

Registo

CLAREZA

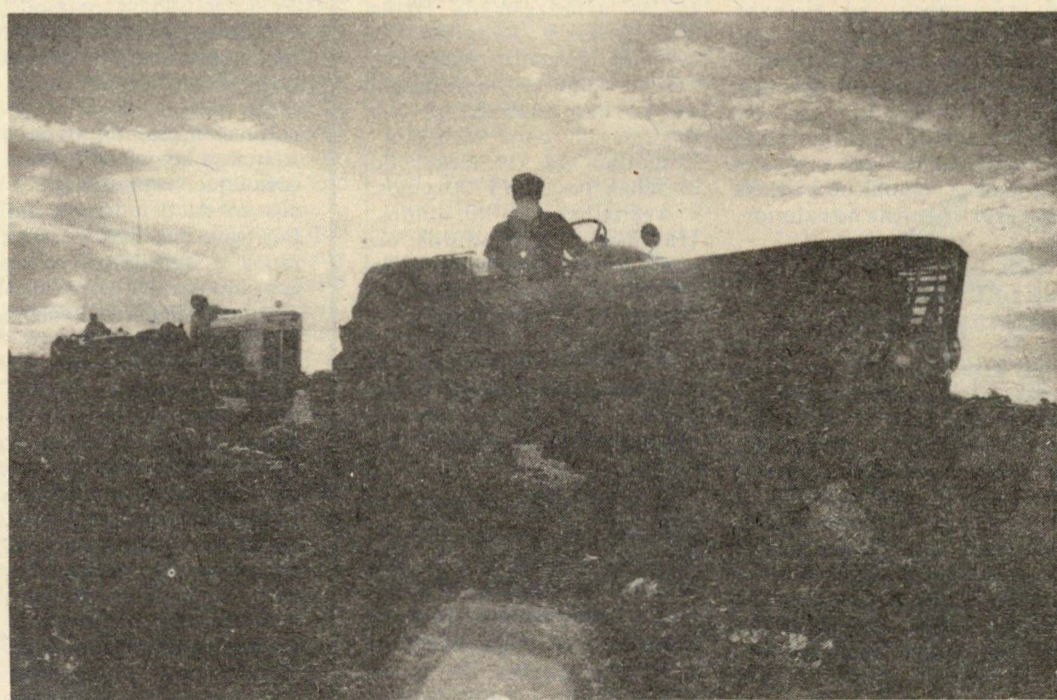
E HONESTIDADE

A Comissão Política Concelhia de Albufeira do PPD ama a eloquência. Aos seus comunicados só falta um bom acompanhamento musical. São peças heróicas, recheadas de elogios à bravura do PPD. O partido do sr. Sá Carneiro seria o partido que "sempre fez uma política clara e honesta". E por ser essa a sua linha, entendeu propor para a presidência da CA da Câmara de Albufeira um íntegro cidadão, o sr. Carlos Oliveira Macieira, destacado militante pépêdista. Residia há cinco anos na bela vila. Foi eleito numa eleição estranha.

Tinha sombrios antecedentes policiais. Antecedentes que não eram desconhecidos de muitos moradores. Mas o sr. Macieira, económico nas palavras embora esbanjador nas horas livres, ao ser convidado a preencher a rigorosa ficha do PPD, omitiu os malabarismos a que, como aspirante a Rockefeller, se entregara na sociedade "A Financiadora" (uma pequena burla de 42 000 contos). Na linguagem florida do PPD de Albufeira, "as declarações não foram completas e daí a desagradável situação criada".

Mas o PPD, corajosamente, no dia 6 do corrente, esperava ainda que o povo de Albufeira, "na sua imensa sabedoria", compreendesse o estilo do partido e a grandeza humana do sr. Macieira. Mas o povo de Albufeira tinha outra opinião. O governador civil de Faro exonerou o sr. Macieira.

E agora? Que terão os claros e honestos dirigentes do PPD a dizer? Por enquanto, nada.



Alentejo da reforma agrária

Alentejo da Reforma Agrária é o tema da reportagem que estamos a publicar no nosso suplemento eleitoral. Prosseguindo esta iniciativa de auscultar ao vivo a pulsação do país, «o diário» fornece ao leitor uma perspectiva apaixonante da mais notável experiência da revolução portuguesa. (Págs. 10/11)

VAMOS TER BACALHAU

Pág. 6

o diário

Eleições

ESTUDOS

- O LEITE QUE FALTA
- O QUE É ISSO DE UNIDADE DE CONTA

ELEIÇÕES

- A CAMPANHA DE NORTE A SUL
- ASNEIRA

MERCENÁRIO JULGADO

LUANDA, 9 — Costas Georgiou — ou "Coronel Callan" — que exerceu as funções de oficial entre os grupos de mercenários que participaram nas acções terroristas contra a República Popular de Angola, é um dos criminosos que vão ser julgados em Luanda por um tribunal internacional — informa a Prensua Latina da capital angolana.

O denominado "Coronel Callan" chegou ao território angolano em Janeiro último, com o primeiro grupo de mercenários e foi capturado pelas FAPLA

Costas Georgiou, de origem cipriota-grega e nacionalidade britânica, atentou contra a integridade angolana ao lado das forças da FNLA, tendo chegado a ser um dos homens de confiança do dirigente desse grupo, Holden Roberto.

Afirma-se que Costas Georgiou, ex-paraquedista do exército britânico e ex-presidiário quando cumpria serviço militar na Irlanda do Norte, foi quem deu ordem de execução para os 14 mercenários que se encontravam em Angola sob as suas ordens, por estes terem querido regressar a Londres, sem combater.

o diário

Director Miguel Urbano Rodrigues • Ano 1 • nº 6 • Preço 4500 • 30-12-1975 • Propriedade de Editorial Caminho, EC

OS QUE INFORMAM OS QUE INTRIGAM

Os factos que levaram o governo da Suíça a expulsar António de Spínola foram acompanhados com a maior atenção pelo povo português.

Os jornais da direita precipitaram-se e cobriram-se de ridículo. Não gostaram do assunto. Primeiro, embora não dispusessem de meios adequados de informação directa ou indirecta, assumiram uma posição absurda ao afirmar que a reportagem da «Stern» era inteiramente fantasista. Ninguém a havia ainda lido. Mas houve quem desmentisse tudo sem nada conhecer, sem saber o que desmentia. Depois, quando, diante de provas irrefutáveis, se tornou impossível negar a evidência, a imprensa reaccionária mudou de tática. Passou a montar um jogo de intrigas contra partidos e forças progressistas. Sobre Spínola, sobre o seu comportamento criminoso, sobre a tentativa golpista que preparava, nem uma palavra.

Muito mais grave, pelas suas implicações, foi a atitude assumida por alguns jornais estatizados, pagos com o dinheiro do povo. Inicialmente não prestaram atenção ao caso. Publicaram os telex das agências, sem destaque e sob títulos inexpressivos. Posteriormente, face às proporções atingidas pelo «escândalo Spínola» reviram essa posição para adoptar outra ainda mais negativa. Desencadearam sem perda de tempo uma campanha contra órgãos de informação e forças democráticas que sempre combateram Spínola. Mas sobre a conjura de Spínola, sobre os seus planos terroristas — silêncio absoluto.

O nosso jornal foi citado nominalmente por alguns jornais e jornalistas que estranharam não termos publicado os nomes de destacadas personalidades das Forças Armadas citadas na «Stern» como comprometidas com Spínola. Se houvéssemos publicado tais nomes, seríamos acusados de dar cobertura a tentativas de dividir as Forças Armadas. Como não os publicámos (ao contrário dos que nos agridem) identificam nessa decisão intuições inconfessáveis. Já o dissemos e insistimos. Suprimimos a referência aos elementos das Forças Armadas porque as citações que os envolviam partiam de homens da confiança de Spínola, de traidores, de gente sem dignidade, de fascistas. A palavra dessa escória não merece um mínimo de confiança. Para aqueles como nós que defendemos a unidade nos quartéis e a unidade do MFA, a palavra dos porta-vozes de Spínola não faz lei, tal como a do seu chefe.

A atmosfera de irresponsabilidade que impera hoje em certas redacções de órgãos estatizados tornou-se desta vez mais notória face às atitudes contraditórias que assumiram perante a abortada tentativa conspirativa de Spínola. O «Diário de Notícias», concretamente. Esconde a notícia, primeiro, numa página interior. Tira-lhe importância. Quando a política da rolha se torna impossível, transcreve meia dúzia de editoriais e comentários provocatórios. A selecção desses textos deixa transparecer o propósito de completar, pela boca de outros, afirmações e insinuações que ele, «Diário de Notícias» apresenta na primeira página, em editorial. Spínola não é criticado uma só vez nesses textos. As críticas, torrenciais, dirigem-se aos que denunciam as intenções de Spínola. A «Stern» é maltratada, Gunter Wallraff é apresentado como um aventureiro, os talentos militares de Spínola realçados. Em contrapartida são responsabilizados por tenebrosas e misteriosas manipulações todos quantos denunciaram as manipulações do ex-presidente golpista.

A febre de opiniões e entrevistas que, a respeito da reportagem da «Stern», atacou certos diários «pluralistas», atinge por vezes o alto da coluna do termómetro. Por exemplo, na ânsia insofrida de ouvirem o MDLP. De um dia para outro, respeitáveis órgãos informativos pagos pelo povo, depois das inevitáveis críticas às forças democráticas que denunciam as conjuras do inocente senhor António de Spínola correm ao desafio atrás dos terroristas do MDLP e, com o maior descaro, publicam as suas opiniões. E o «Diário de Notícias», distante, transcreve. Forma-se, assim, o círculo vicioso que oferece ao público trechos como aquele em que «O Comércio do Porto», depois de contacto com «fonte fidedigna», ligada àquele movimento leva o seu requinte ao ponto de reproduzir palavras de ordem do chamado Comando Operacional do MDLP. E que diz essa associação de criminosos? Anuncia a intenção de «continuar na luta estratégica que se propôs»...

O «Diário de Notícias» e «O Comércio do Porto» só não esclarecem que a tal «luta estratégica» do MDLP é precisamente a que levou Spínola a tentar comprar um verdadeiro arsenal bélico na RFA. Manter contactos íntimos com uma associação clandestina voltada para o terrorismo não pesa na consciência dos responsáveis pela orientação de jornais nacionalizados. Que Spínola tivesse planos para ensanguentar Portugal afigura-se-lhes coisa de pouca importância. Mas que as manobras e as conspirações de Spínola e do seu MDLP sejam denunciadas, isso sim, alarma esses senhores. Na denúncia das manobras golpistas de um traidor vislumbram uma perigosíssima ameaça à democracia.

Pergunta o «Diário de Notícias» «quem está interessado em estabelecer o caos neste País?» A direita, senhores do «DN»! Os que desejariam o banho de sangue com que Spínola sonhava.

Pergunta também o «DN» «quem poderá lucrar com a violação do período democrático que temos vivido ultimamente?»

A reacção e apenas ela, senhores do «DN»!

Para a jovem democracia portuguesa os perigos não podem vir daqueles que a defendem e dizem o que pensam de Spínola. Para a unidade das Forças Armadas, para a sua coesão as ameaças são também outras. É do MDLP e dos seus duplicados (ELP, CAP, etc) que vem o perigo. É do fascismo! E dos que lhe dão cobertura.

A REPORTAGEM DA STERN (CONCLUSÃO)

CONTACTOS DE WALLRAFF NO MINHO
LEVAM SPÍNOLA A DUSSELDORF

"Então é melhor que entremos já em contacto com o Chefe" digo eu. "Não temos muito tempo e temos de saber a ajuda que é necessária."

Eduardo oferece-se para estabelecer o contacto. Eu apresento-vos primeiro a um capitão pára-quadista de Braga que se encontra na Póvoa de Varzim a maior parte do tempo e tem contacto com a central". Ao longo de uma estrada cheia de curvas vai Eduardo no seu "sport" para a Póvoa de Varzim. Sigo atrás e tenho cuidado de não o perder. Póvoa, praia elegante com casino, mas triste fora de estação. O mar salta. "Pelontra" no passeio da praia. O dono chama-se Luís e pertence aos quadros médios dirigentes do MDLP. O restaurante está cheio. "Todos amigos" dizem. O dono oferece-nos umas bebidas.

Teixeira aparece, o oficial pára-quadista. Grosso, tipo mercenário, cerca de 30 anos deseioso de dar informações e inocente. Pode ser devido a que aqui no Norte se deslocam quase sem impedimentos, às claras, como se fosse em "zona libertada". Devemos ir a Guimarães, a cerca de 60 km da Póvoa. Vamos com Eduardo no seu carro desportivo. Teixeira segue-nos no seu carro. Eduardo fala pouco. O caminho torna-se cada vez mais isolado. Noite escura. Sinto neste momento qualquer coisa como medo. Se os

meus acompanhantes me tivessem reconhecido? Há algumas semanas apareceram em jornais portugueses entrevistas minhas com fotografias e uma vez apareci na televisão numa conferência de Imprensa sobre o Comité de Solidariedade com Portugal. Isto tudo cheira a armadilha. Podem atirar-nos para fora do carro num sítio qualquer e dar-nos um tiro.

Finalmente uma placa de uma povoação. Penha, 2 ou 3 lojas e um restaurante isolado no cimo de uma colina.

O restaurante também pertence a um membro do MDLP. Atmosfera familiar. Mulheres e crianças. Há vários pratos e vinhos diferentes e somos convidados. A apresentação é feita com nomes próprios. Eduardo apresenta-nos como amigos vindos da Alemanha para ajudar. O aparelho de televisão está ligado alto e ninguém olha. Depois do jantar peço ao Teixeira para termos a nossa conversa numa sala ao lado, mais calma. O dono conduz-nos a um pequeno escritório. A conversa é uma mistura de português e inglês.

Teixeira: "Temos cerca de 50000 activistas em todo o Portugal. A nossa gente também trabalha quando não lhe pagam. Tudo o que foi ao ar nas últimas semanas foi realizado pela nossa organização".

"Hoje, que precisa mais o

MDLP? Dinheiro ou armas?"

Teixeira: "Ambos, mas os pormenores serão discutidos amanhã na Póvoa com o responsável."

"E agora o que se vai seguir?"

"No Norte há neste momento um

alargamento das operações no Sul?"

Teixeira: "Isso tem que perguntar aos chefes".

"O arcebispo dá-vos apoio financeiro?"

Teixeira: "Isso vai através do seu

principal para Portugal. O bispo não faz nada sem ele".

A REUNIÃO

Dois dias mais tarde. Reunião com os chefes do MDLP do Norte em casa de Teixeira, num edifício de andares na Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657, na Póvoa de Varzim. O porta-voz é um capitão dos comandos, de cabelo cortado à escovinha que, como viemos a saber semanas mais tarde, se chama Duarte. Inicialmente desconfiado e cuidadoso afirma, no decorrer da conversa, que os chefes do MDLP planeiam transformar de novo Portugal numa ditadura de direita através da organização de um grande golpe antes ainda das eleições para a Presidência da República, em Maio ou Junho. Nessa altura as forças activas de esquerda serão definitivamente liquidadas. É servido "Whisky" em abundância e convida-se animadamente a beber. Depois deste encontro estou totalmente arrumado. A contínua dissimulação e a tensão nervosa, o ter de acompanhar um brinde à "eliminação dos inimigos políticos", tudo isso me esgotou.

Na noite seguinte, um novo encontro, no mesmo sítio, no bar "Vira Mar". Entretanto, estabeleceram contacto com a Central de Madrid onde está o comandante Alpoim Calvão, representante directo do "General

Walter". "Até que ponto é que a vossa organização se pode comprometer?"

"Eu respondo: Isso depende do que ainda é necessário e daquilo que já existe."

Duarte: "Muitos dos nossos membros já estão em armas, outros exercem ainda parcialmente as profissões mas podem ser chamados a qualquer momento. Planeamos armar 10000 homens na primeira fase e são na verdade pessoas com experiência de guerra, qualificados, muitos ex-oficiais e ex-sargentos bem como funcionários."

Grande recepção num restaurante elegante.

"Isto constituirá para o Mundo uma acção das Forças Armadas, de pessoas que ainda se encontram nas Forças Armadas, que resolveram fazer um golpe para porem definitivamente fora de acção as forças comunistas. Estes activistas têm de ser exterminados. No entanto, isto não deve ser levado a cabo por aqueles, isto é, por nós, que preparamos o golpe por causa da opinião internacional. É por isso que temos de dispor de gente em todo o país que, simultaneamente, com a revolta popular, os vão arrancar à cama e os liquidem. É nossa missão desenvolver esta acção em dois eixos. As forças

Concluimos hoje a publicação da reportagem da revista alemã "Stern", sobre o "escândalo Spínola". Devemo-lo à compreensão e solidariedade da direcção e redacção do semanário «O Jornal». De facto, tendo-nos sido remetida da Alemanha, por um leitor dedicado, a tradução da reportagem e um exemplar da revista, entendemos que se tratava de um problema importante para o nosso país e que se justificava a sua divulgação. Desconhecíamos, contudo, que «O Jornal» tinha adquirido o exclusivo. Impunha-se por isso, uma satisfação àquele nosso colega. Assim graças a «O Jornal» os nossos leitores podem acompanhar até ao fim um texto fundamental para o esclarecimento dos subterrâneos da contra-revolução em Portugal.

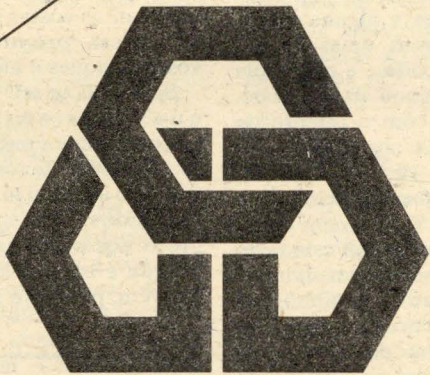
bom clima. Também deverá ser assim no Sul. Mas lá são muitos. Aqui ainda os podemos expulsar. Lá queremos liquidá-los. Já estamos fartos de pôr só bombas. O momento está maduro. Agora queremos matar (We Want to kill now!). Com bombas não se resolve nada, temos que os liquidar. Compreende!"

"Quando começará o

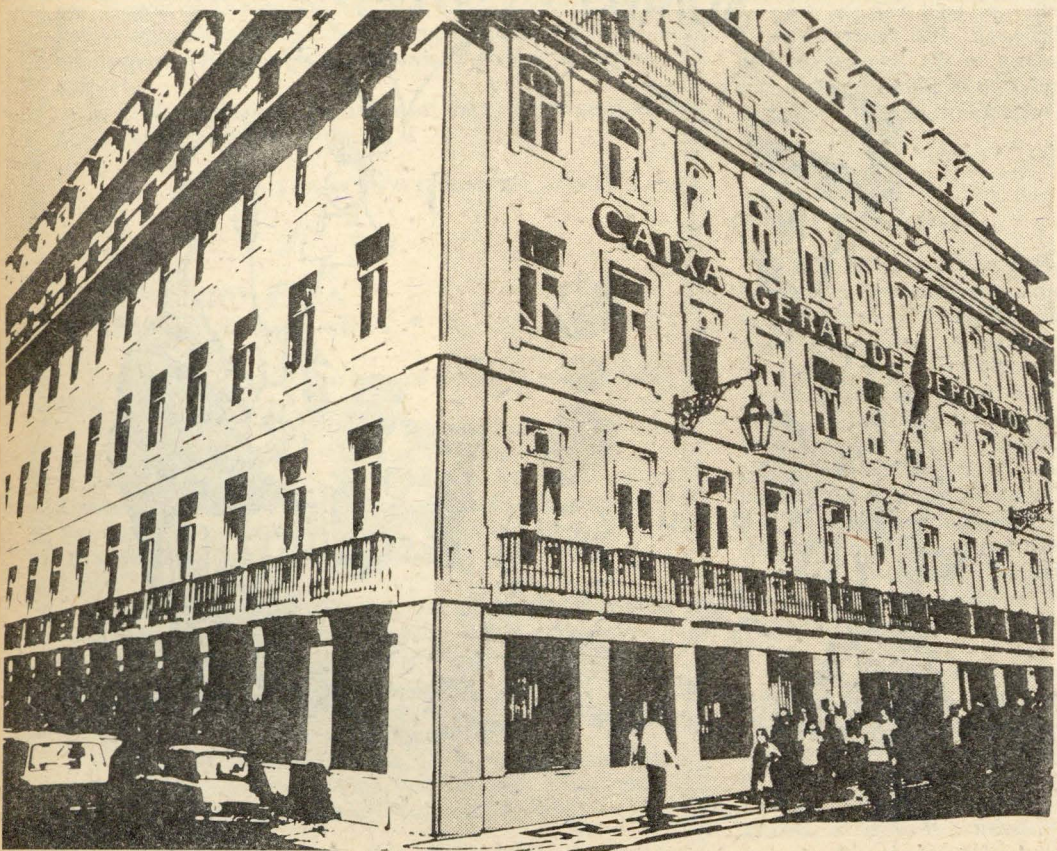
delegado especial cónego Melo. Esse é mesmo nosso. Francisco, o arcebispo, discute tudo com ele. E o Melo depois arranja dinheiro para nós".

"Quem acha que é mais importante, o arcebispo ou o cónego Melo?"

Teixeira: "Melo. Em Braga só Melo. É de facto um dos homens

CAIXA GERAL
DE DEPÓSITOS

100 anos com a economia portuguesa!



10 de Abril de 1876
Criação da Caixa Geral de Depósitos.

10 de Abril de 1976
1.º Centenário que hoje se comemora.

Origens que remontam
ao século XVI.

Tradição renovada
pelo progresso.

Presente em todo
o território português,
recolhendo economias,
financiando a
Economia.

100
ANOS
1876 / 1976

SPÍNOLA NA ALEMANHA

(Continuação da pág. 5)

dos socialistas. À escala europeia, de momento, os partidos socialistas e sociais-democratas representam um perigo que não é menor que o comunista. Muitos sociais-democratas — os socialistas, em todo o caso — não passam de comunistas encapotados.”

P: “E como é que é possível acabar com estes socialistas, Excelência?”

S: “Isso depende naturalmente dos meios que estão à nossa disposição”.

M: “De que modo pode o CDS, como partido oficial, apoiar o MDLP?”

S: “Pois, há muitas ligações entre o CDS e o MDLP... publicamente, é natural que nenhum partido se arrisque a declarar as suas ligações. Secretamente, reconhecem os nossos objectivos, mas publicamente têm medo de se comprometer. E por isso mentem. Mas, neste momento, provavelmente não podem dizer a verdade. De resto a nossa organização no Sul é um pouco melhor que no Norte. E as suas armas destinam-se ao Sul”

P: “Isso corresponde exactamente às minhas suposições. Alegro-me em ter agora a sua confirmação.”

RETRIBUIÇÃO DO CONVITE PARA GENEBRA

S: “Conhece a organização dos pequenos e médios agricultores? Sabe o que significa Rio Maior, o que significa Coruche? (Acenar de cabeça dos anfitriões alemães). Então não preciso dizer mais nada sobre o assunto. No Sul temos algumas coisas a cozinhar.”

P para W (baixo): “Tenho mesmo que ir; tenho um encontro importante”.

P: “E para terminar, peço-lhe

que faça o mesmo que eu, isto é, deixar a discussão dos pormenores concretos para os nossos colaboradores”.

W baixo para P: “Sabe que o general o convidou para ir a Genebra?”

P (baixo): “Não, de verdade?”

P (alto): “Aceitarei com muito prazer o seu convite”.

S: “Que bom é existirem as nossas duas organizações. Agora só precisamos de as coordenar. Mas com toda a urgência”.

Urgência é necessária. José e Luís demoram-se. Em 40 minutos, às 20 e 05 parte o avião. Não se consegue arrancar Spínola dali. Cita datas e números de sistemas de armas.

Finalmente calorosa despedida dos dois.

Luís: “Uma excelente pessoa, o seu presidente”.

W: “Sim, e dá-nos toda a liberdade.”

NOTA DA REDACÇÃO DA “STERN”

Esta reportagem é um excerto transcrito de uma gravação feita pelo jornalista Günther Wallraff. Se Wallraff fosse um desconhecido, se não houvesse fotografias e testemunhas, a “Stern” não teria publicado esta história em muitas partes pouco crível. Mas os métodos de Wallraff trouxeram muitas coisas à luz nos últimos anos das quais o conhecimento político comum não permitiria imaginar. O que a “Stern” sob a pressão da actualidade podia fazer para confirmar os dados foi feito. Wallraff tinha informado a “Stern” do encontro de Dusseldorf. O fotógrafo da “Stern” Herbert Peterhofen tirou fotografias da chegada dos portugueses. O advogado de Colónia dr. Gerhard Meinecke afirmou à “Stern” que não tinha nenhuma dúvida quanto à identidade do seu interlocutor o ex-general Spínola.